

**ÁREAS LEXICAIS BRASILEIRAS:
UM NOVO OLHAR SOBRE A PROPOSTA DE ANTENOR NASCENTES NOS
DADOS DO PROJETO ATLAS LINGUÍSTICO DO BRASIL**

BRAZILIAN LEXICAL AREAS:
A NEW APPROACH REGARDING THE PROPOSAL OF ANTENOR NASCENTES IN
DATA OF THE LINGUISTIC ATLAS PROJECT OF BRASIL

Valter Pereira Romano
Universidade Federal de Lavras
valter.romano@hotmail.com

Resumo

O artigo traz uma análise sobre a variação lexical do português brasileiro para os designativos obtidos pela questão 039 do Questionário Semântico-Lexical do ALiB, que recobrem o conceito da *tangerina*. São analisados dados do Projeto do Atlas Linguístico do Brasil referentes a 118 municípios brasileiros, summarizando a fala de 472 informantes naturais de nove estados federativos. O objetivo do trabalho é discutir a proposta de divisão dialetal de Antenor Nascentes (1953) no que se refere à área do subfalar sulista sob o ponto de vista lexical. Considerando o comportamento diatópico das variantes, o território investigado pode ser dividido em duas áreas, uma meridional e uma setentrional, que representam, respectivamente, dois possíveis falares, o sulista e o paulista.

Palavras-chave: ALiB, Antenor Nascentes, Falares.

The research presents an analysis of the lexical variation of the Brazilian Portuguese for the variants obtained by question 039 of the Lexical-Semantic Questionnaire of ALiB, covering the concept of *tangerina*. Data of the Linguistic Atlas Project of Brazil from 118 Brazilian municipalities are analyzed, summarizing the speech of 472 natural informants of nine federal states. The objective of this approach is to discuss the proposal of dialectal division of Antenor Nascentes (1953) with regard to the area of the *sulista* subspeech under the lexical perspective. Considering the variants diatopical behavior, the territory investigated can be divided into two areas, a northern and a southern, representing, respectively, two possible speech, the *sulista* and the *paulista*.

Keywords: ALiB, Antenor Nascentes, Speech.

Recibido: 09/01/2017
Aceptado: 17/08/2017

1. Introdução

O Projeto Atlas linguístico do Brasil, cujos primeiros volumes referentes às capitais brasileiras foram publicados em 2014 (Cardoso *et al.* 2014a, 2014b), começa uma nova fase de sua elaboração com o tratamento dos dados coletados em localidades do interior do país. Para tanto, a equipe toma como ponto de partida análises prévias realizadas em trabalhos monográficos como o de Marins (2012), Ribeiro (2012), Portilho (2013), Romano e Seabra (2014a, 2014b), Romano (2015), Santos (2016), entre outros.

Os trabalhos arrolados têm apontado caminhos e desafios para uma cartografia racional e coerente do grande volume de dados coletados (Cardoso 2010). As pesquisas evidenciam os aspectos convergentes e divergentes de áreas linguísticas que revelam traços da história social de cada região do país e, de certa forma, colocam em discussão a clássica divisão dialetal estabelecida por Antenor Nascentes (1953), sob uma perspectiva lexical.

Este artigo discute a divisão dialetal de Nascentes (1953) tomando como objeto de análise dados coletados para a questão 039 do Questionário Semântico-lexical (QSL), cujo objetivo é documentar as variantes lexicais para a *tangerina* (Comitê Nacional do Projeto ALiB, 2001). Os dados se referem à fala de informantes radicados em uma ampla área geográfica do centro-sul do país correspondente ao território denominado por Nascentes (1953) como “subfalar sulista”. Desse modo, na próxima seção, apresenta-se o aporte teórico sob o qual se sustenta o trabalho. A seção 3 traz a descrição dos materiais e métodos empregados no estudo. Na seção 4, apresentam-se as análises empreendidas, seguindo-se as considerações finais (seção 5) e as referências bibliográficas utilizadas.

2. A divisão dialetal de Nascentes e o Projeto ALiB

A necessidade de estabelecer áreas dialetais subjaz aos trabalhos de natureza geolinguística explícita ou implicitamente. Todavia, embora Amaral (1981) reconhecesse já em 1920 a importância de trabalhos empíricos para definir “com segurança quais os caracteres gerais do dialeto brasileiro, ou dos dialetos brasileiros” (Amaral 1981: 44), a sistematização de um mapa dialetal para o Brasil só se concretizou de forma coerente em 1953 na obra *O linguajar Carioca*, de Antenor Nascentes. Naquela ocasião, o autor justificou que após ter realizado o seu “ardente desejo de percorrer todo o Brasil, do Oiapoc ao Xuí, de Recife a Cuiabá”, a divisão dialetal proposta por ele não poderia ser considerada como definitiva, “mas sim um tanto próxima da verdade”. (Nascentes 1953: 24)

Pautando-se na abertura de vogais pretônicas e aspectos prosódicos, Nascentes dividiu o PB em dois grandes falares, o do Norte e o do Sul, que contemplam seis subfalares, conforme se verifica na Figura 1.



Figura 1 - Divisão dialetal de Antenor Nascentes
Fonte: Nascentes (1953)

O falar do Norte divide-se em Amazônico e Nordestino e o falar do Sul contempla o subfalar baiano (intermediário entre os dois grupos), o sulista, o fluminense e o mineiro. Somam-se a esses subfalares uma área denominada pelo estudioso como território incaracterístico.

O mapa de Nascentes tornou-se a clássica divisão dialetal do PB, muito referenciado e já estudado sob o ponto de vista fonético por Cardoso (1986; 1999), que confirmou a divisão Norte e Sul quanto à abertura das pretônicas em dados de atlas estaduais e regionais. Sob o ponto de vista lexical, Ribeiro (2012) se encarregou de estudar o subfalar baiano, Portilho (2013), o Amazônico, Romano (2015) investigou a área do subfalar sulista e Santos (2016), o fluminense.

De um modo geral, essas pesquisas atestam o fato de que esses subfalares não se limitam à faixa territorial estabelecida por Nascentes, mas adentram outras áreas. Apesar disso, apenas Romano (2015) faz a proposta de uma redefinição para área do subfalar sulista.

Nesse sentido, considerando-se os resultados obtidos pelo autor, apresenta-se, neste artigo, uma síntese de sua proposta a partir da análise da questão 039 do QSL¹. O trabalho ratifica importância do Projeto ALiB para uma redefinição do mapa dialetal brasileiro, que, em meados da segunda década do século XXI, caminha para sua concretização.

¹ O autor analisa também outras questões do QSL nas quais se encontra o mesmo panorama da questão 039, articulando a distribuição diatópica das variantes à constituição sócio histórica de cada região.

3. Materiais e métodos

O *corpus* analisado refere-se aos dados ainda inéditos coletados pela equipe do Projeto ALiB junto 472 informantes, de escolaridade máxima o ensino fundamental, estratificados, equitativamente, entre homens e mulheres pertencentes a duas faixas etárias: faixa I (18 a 30 anos) e faixa II (50 a 65). Os informantes são naturais de nove estados federativos (Rio Grande do Sul - RS, Santa Catarina - SC, Paraná - PR, São Paulo - SP, Minas Gerais - MG, Rio de Janeiro - RJ, Mato Grosso do Sul - MS, Mato Grosso - MT, Goiás - GO), distribuídos em 118 municípios brasileiros².

Após um estudo criterioso do mapa de Nascentes no que se refere à área geográfica do subfalar sulista, foi realizado o georreferenciamento da rede de pontos do Projeto ALiB. Na área do estudo, encontram-se 108 localidades às quais foram acrescentadas 10 pontos linguísticos para verificar os limites subfalar sulista com os outros subfalares (mineiro e o fluminense). Em cada ponto de inquérito foram entrevistados quatro informantes, sendo um homem e uma mulher da faixa I e um homem e uma mulher da faixa II³. Os dados coletados foram levantados a partir da consulta às transcrições e às gravações em áudio. A validação das variantes lexicais para a questão 039 do QSL respaldou-se em dois dicionários gerais da língua portuguesa, Houaiss e Villar (2001) e Ferreira (2004). Quanto à etimologia, em alguns casos, foi consultado o dicionário etimológico de Cunha (2010) e o Dicionário da Real Academia Española (2001). O *corpus* passou pelo processo de revisão e armazenamento no banco de dados do software desenvolvido para agilizar o processo de geração de relatórios e de cartografia linguística, o [SGVCLin] (Romano, Seabra, Oliveira 2014).

4. Análise dos dados

A questão 39 do QSL, que objetiva documentar os designativos para as frutas menores que a laranja que se descascam com a mão, no *corpus* selecionado, apresenta um total de 1106 registros distribuídos em 29 formas, incluindo-se variantes fonéticas e morfonêmicas⁴. Considerando as formas que apresentam processos fonéticos e morfonêmicos diversos, foram feitos os seguintes agrupamentos:

² A rede de pontos do ALiB é identificada por números. Para detalhamento, o leitor pode consultar os anexos A, B, C, D, E e F, cuja rede está dividida por região administrativa, constante do final deste artigo. Mais informações em: https://alib.ufba.br/sites/alib.ufba.br/files/rede_de_pontos_.pdf

³ Nos limites deste artigo e considerando-se os objetivos deste trabalho, não são empreendidas análises a partir das variáveis sexo e faixa etária. O estudo atém-se à distribuição diatópica dos itens.

⁴ Carreter (2008, p. 281), acerca das variantes morfonêmicas, afirma que "los fonólogos han propuesto este término para designar 'la idea compleja de todos los miembros (dos o más) de una alternancia'. Así, en la alternancia que se produce en las formas alemanas *geben-gab-gib*, las vocales *e*, *a*, *i* (llamadas *alternantes*) constituyen un morfonemema."

- (i) Alternância de fonema inicial de /b/ > /v/ (*bergamota/vergamota*);
- (ii) Alternância da vogal átona final /a/ > /e/ (*bergamota/bergamote, moricota/moricote, mangota/mangote, morocota/morocote, muricota/muricote, morgota/morgote*);
- (iii) Sonorização da consoante velar de /k/ > /g/: (*morcote/morgote, morcota/morgota, marcota/margota*);
- (iv) Casos de assimilação, seja pela influência da vogal tônica seguinte {mar-} > {mor-}, {ma-} > {mo-} (*maricota/moricota; (margota/morgota/morgote, marcota/morcote)*; pela consoante nasal bilabial sobre a vogal {ma-} > {mu-} (*maricota/muricota*); seja pela influência da consoante nasal bilabial sobre a consoante da sílaba seguinte (*morgota/mormota*);
- (v) Inserção de vogal epentética [i] ou [o] (*marcota/maricota, morcote/moricote, morgota/moricota*); (*moricota/morocota/morocote*);
- (vi) Síncope de sílaba pretônica (*muricote/mucote*);
- (vii) Adequação ao gênero do primeiro nome: {a} < {o} (*laranja-crava/laranja-cravo*).

Assim, foram consideradas nove formas lexicais distintas, registradas com diferentes índices de produtividade, figurando entre as mais produtivas as variantes: *mexerica* (333 ocorrências, 30,11%), *poncã* (314, 28,39%), *tangerina* (244, 22,06%) e *bergamota* com suas variantes morfonêmicas (112 registros, 10,13%). Com menor produtividade, encontram-se *morcote* e variantes morfonêmicas (54 ocorrências, 4,88%), *mimosa* (33, 2,98%), *laranja-cravo(a)* (13 registros, 1,18%), *mandarina* (duas ocorrências, 0,18%) e a *hápax legomena carioquinha* (0,09%).

Além desse conjunto de realizações lexicais, observa-se a ocorrência de adjetivos que especificam a variedade dessa fruta ou atribuem características à *mexerica* ou à *bergamota*, uma vez que esta questão do QSL prevê a apuração de detalhes sobre o referente. Este detalhamento se justifica pelo fato de a fruta ser amplamente conhecida em todo o território nacional e apresentar diversidade de tipos decorrentes ou da hibridização natural ou de experimentos realizados pelo homem, como bem assevera Costa (2011).

Assim, considerando os adjetivos que “denunciam quem comeu o fruto”, foram registradas 17 formas de *mexerica enredeira*, 15 de *mexerica fuxiqueira*, uma de *mexerica fofoqueira*. Ainda levando-se em conta o cheiro característico que delata quem manuseou a fruta, ocorrem três registros de *mexerica fedidinha*, uma ocorrência de *mexerica cheirosinha* e sete registros de *mexerica bode/bodinha*, motivação lexical justificada, possivelmente, por analogia ao odor do animal (bode)⁵.

⁵ Para um detalhamento sobre o uso dos adjetivos *enredeira* e *fuxiqueira* em localidades da Região Centro-Oeste, recomenda-se a leitura de Costa (2011), uma vez que a autora tratou, separadamente, estes itens, considerando a produtividade de cada um em algumas localidades como Paranaíba-MS, Aruanã-GO e Jataí-GO. Dados os objetivos deste artigo, consideram-se esses designativos como uma qualidade atribuída à variante *mexerica* e não uma variante específica, conforme relato dos informantes apresentados adiante.

Quanto às variedades de *mexerica* ou *bergamota*, encontram-se quatro ocorrências de *vergamota do céu*, sete registros de *mexerica caipira*, dez ocorrências de *mexerica cravo*, duas, de *mexerica comum* e um registro de *mexerica rosa*.

Portanto, essas 68 ocorrências que especificam ou qualificam o tipo de *mexerica* ou *bergamota* não foram consideradas dentro dos 1106 registros, uma vez que os informantes que forneceram esses detalhes já haviam respondido, como principais variantes ou *mexerica* ou *bergamota*. A Figura 2 apresenta uma carta linguística elaborada *ad hoc* na qual consta a distribuição diatópica das nove formas lexicais consideradas como designativos para o referente.

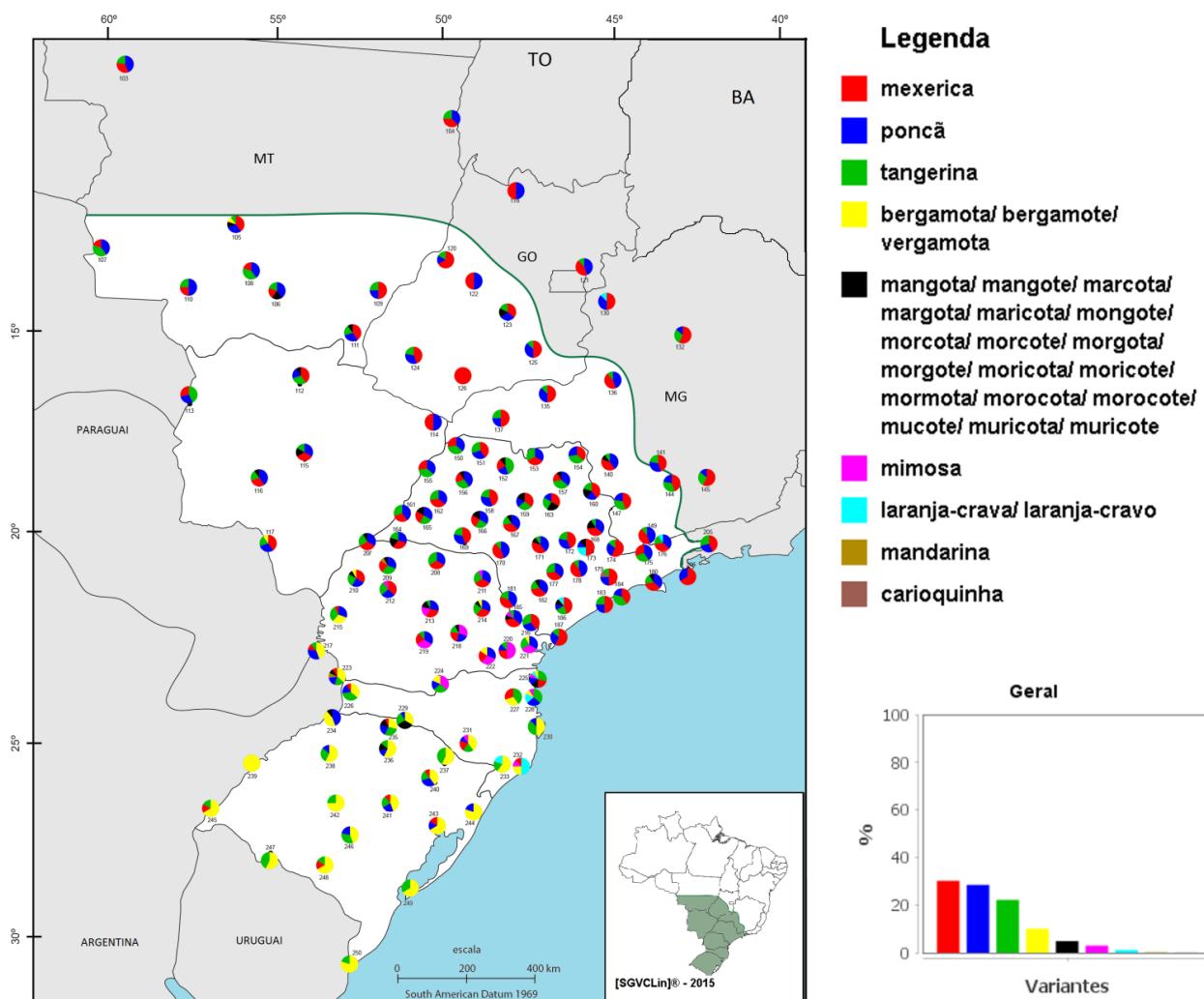


Figura 2 - Distribuição diatópica das variantes para a questão 039 do QSL
Fonte: Banco de dados do Projeto ALIB (2015) - carta linguística experimental

Nesta carta linguística é possível visualizar uma ampla distribuição das três variantes mais produtivas (*mexerica*, *poncã* e *tangerina*) nos estados de SP, sul de MG, sul de GO, no MT e MS. A variante *poncã* apresenta-se também amplamente difundida pelo estado do PR e também por SP, MS e MT. *Bergamota* distribui-se pelos estados do RS e SC, além de ocorrer no oeste paranaense. *Morcote* apresenta-se, sobretudo, no estado de SP, enquanto a variante *mimosa* ocorre em localidades paranaenses e catarinenses.

A Figura 3 apresenta uma carta que revela a arealidade⁶ da variante *mexerica*, evidenciando os limites da isoléxica na porção meridional do subfalar sulista.

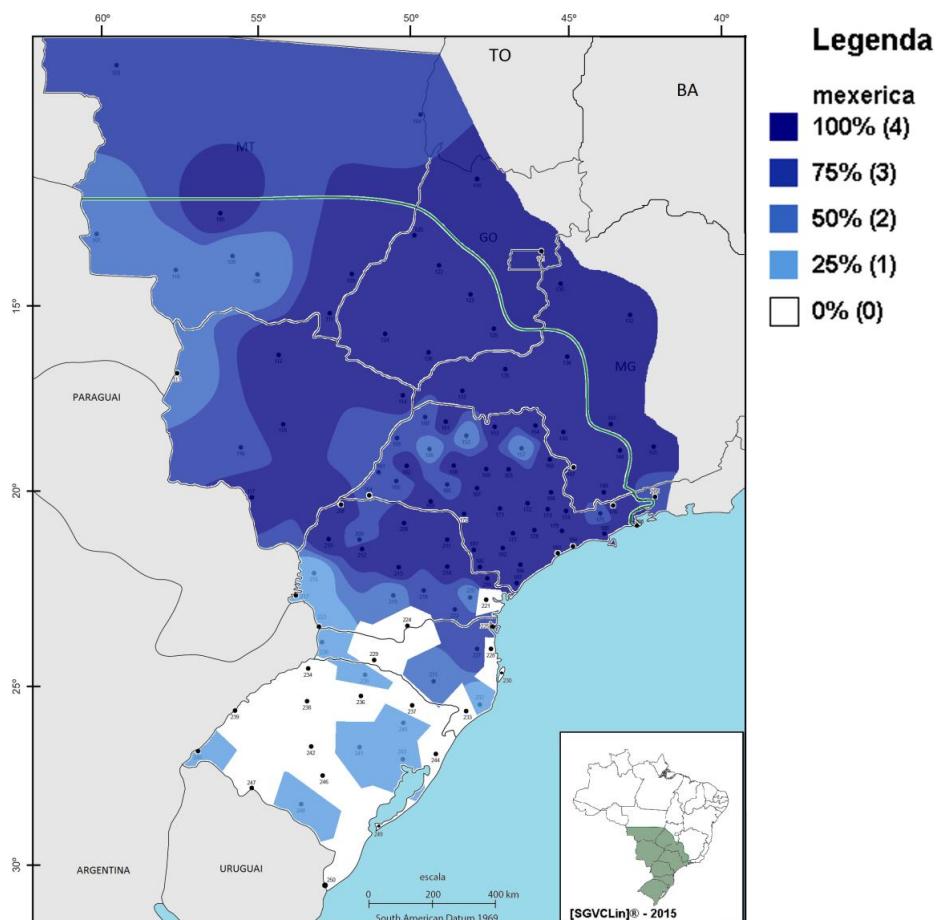


Figura 3 - Arealidade gradual da variante *mexerica*

Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB (2015) - carta linguística experimental

Observa-se que no litoral central de SC, no interior deste estado, no litoral paranaense (ponto 221 – Morretes) e em grande parte do RS, não há ocorrência da variante *mexerica*, que, por sua vez, se distribui, amplamente, por todo o território do Estado de SP, MS, PR, MT, sul de GO, sul de MG, ocorrendo, inclusive, nas adjacências do subfalar sulista, em 100% das respostas de cada ponto linguístico (quatro aferimentos por ponto).

Como se verifica, o item está difundido na maior parte do território e está registrado nos dois principais dicionários da língua portuguesa na acepção buscada para o referente.

Para Ferreira (2004), esta variante provém do substantivo *mexerico* que, por sua vez, significa o “ato de mexericar; enredo; intriga” e, segundo Houaiss e Villar (2001), *mexerica* é uma forma regressiva do verbo *mexericar*. Desse modo, as obras lexicográficas e o uso dos informantes atribuem ao nome da fruta características que lhe são peculiares, ou seja, o fato de o odor forte denunciar quem o comeu justifica, por extensão de sentido, o uso do

⁶ Arealidade é um neologismo utilizado por Romano (2015), pois o autor considera que as linhas de isoléxicas e heteroléxicas revelam a “arealidade” de determinada variante, ou seja, a distribuição espacial ou areal de uma forma linguística.

designativo *mexerica*, assim como adjetivos que intensificam esta característica, conforme se observa em relatos dos informantes⁷.

INF.- Mixirica, tem uma mixirquinha piquena que tem um chero forte na casca, então a gente chama ela de irredera porque se você robá do vizinho e chegá perto do vizinho, o vizinho sabe que você pegô seocê não tivé lá na tua casa, normalmente⁸.

INF.- Irridera (risos), irredera é uma pessoa fof... é como se fosse fofouqua, porque a pessoa chupa não tem, num pode escondê de ninguém, porque o chero dela é muito forte (...)⁹

INF.- Muita gente fala mixirica enredera, porque quem chupá ela todo mundo sabe, né, porque o chero é muito forte.¹⁰

INF.- Tem a mixirica, a pocã que é grande e tem uma pequenininha que chama mixirica fuxiquera aqui.

INQ.- Ah, por quê?

INF.- É porque na hora que você descasca ela chera longe, é por isso que eles geralmente chama ela de fuxiquera (...)¹¹

Considerando a produtividade do item *mexerica*, bem como a sua distribuição diatópica, possivelmente, esta variante seria uma das características do denominado falar paulista, que se difunde do estado de SP para o sul de MG, para os estados da região Centro-Oeste, interior do PR, e por um corredor central atinge campos de Lages em SC, parte do território catarinense já identificada como uma área de influência paulista, por Margotti e Vieira (2006), e denominada, por Romano e Aguilera (2014), como *área do interior central de Santa Catarina*.

Observando-se as áreas de ocorrência de *poncã*, segunda variante mais produtiva (Figura 4), nota-se que este item lexical está amplamente distribuído pela área investigada, não ocorrendo, principalmente, no extremo sul do território, em uma área que corresponde ao nordeste do RS (ponto 237 - Vacaria), litoral sul de SC (pontos 233, 232 - Criciúma e Tubarão) e em uma localidade do nordeste catarinense (Blumenau - ponto 227), além de não ocorrer também em uma localidade do sul de GO (ponto 126 - Quirinópolis).

Essa diminuição da incidência da variante *poncã* (Figura 4) e também de *mexerica* (Figura 3), em SC e RS, pode ser explicada pela presença de uma forma considerada típica desses estados, *bergamota*, atestada, inclusive, na fala dos informantes, conforme se apresenta adiante.

⁷ São reproduzidos trechos da transcrição grafemática. A sigla INF indica informante e INQ, inquiridor.

⁸ Informante 3 do ponto 158 (Homem, faixa etária II: 50 a 65 anos, de Barretos/SP).

⁹ Informante 4 do ponto 140 (Mulher, faixa etária II: 50 a 65 anos, de Passos/MG).

¹⁰ Informante 4 do ponto 114 (Mulher, faixa etária II: 50 a 65 anos, de Paranaíba/MS).

¹¹ Informante 1 do ponto 120 (homem, faixa etária I: 18 a 30 anos, de Aruanã/GO).

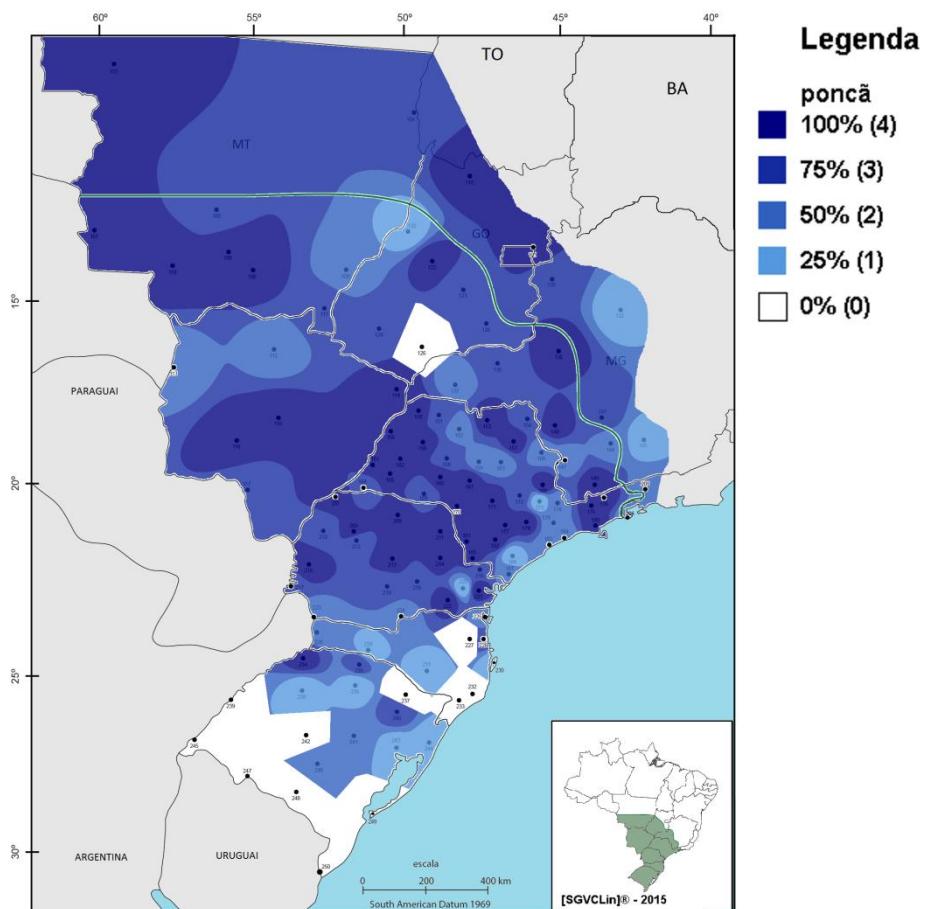


Figura 4 - Arealidade gradual da variante poncã

Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB (2015) - carta linguística experimental

Para Houaiss e Villar (2001), *poncã* é um substantivo masculino na acepção de uma “rubrica da agricultura para a variedade de tangerina, grande e de casca frouxa, originária do Japão” (Houaiss e Villar 2001). Afirmando os lexicógrafos sobre a etimologia desta palavra que: “segundo Michaelis, vem do japonês ponkan”. Em Ferreira (2004), constam as mesmas informações acerca desta variante, porém, além desta acepção, o dicionarista traz alguns dados adicionais, por exemplo: o lugar onde geralmente se cultiva esse fruto, dizendo que esse “tipo de tangerina é hoje cultivada no Brasil, sobretudo em São Paulo, por japoneses, e que se caracteriza pelas dimensões avantajadas e casca muito frouxa” (Ferreira 2004). Quanto às características - avantajada, de casca frouxa - são as mesmas especificações dadas pelos informantes ao descrever o fruto.

INF.- A pocã tem casca grossa, e é bem graúda, bem grossa graúda, bem cascuda com a casca grossa e tem a tangerina que é a casquinha mais fininha, mais grudadinha, e tem a morgota também que tem a casca mais fininha ainda, e ela também a graúda, a morgota, e a bergamota é a tradicional.¹²

¹² Informante 2 do ponto 240 (mulher, faixa etária I: 18 a 30 anos, de Flores da Cunha/RS).

INF.- A diferença daqui da terra a senhora qué dizê né? A da terra, a pocã é que é uma casca grossa né, aquela mais fácil de descascá, aquela chamada pocã aí tem a mexerica que é um pouquinho mais difícil, aí tem a maricota que é um mais difícil inda. A maricota quela de casca lisa, bem lisinha memo, bem fininha também assim, na hora de descascá é té perigoso machucá os gomo.¹³

Poncã, assim como a variante *mexerica*, é uma forma lexical que, possivelmente, caracteriza o *falar paulista*, que avança a partir de SP e se estende a toda a região Centro-Oeste, ao estado do PR, parte do território catarinense, chegando até o RS, em algumas localidades.

A terceira variante mais produtiva, no conjunto das respostas, é *tangerina* e, conforme a Figura 5, observam-se diferentes índices de ocorrência por todo território investigado.

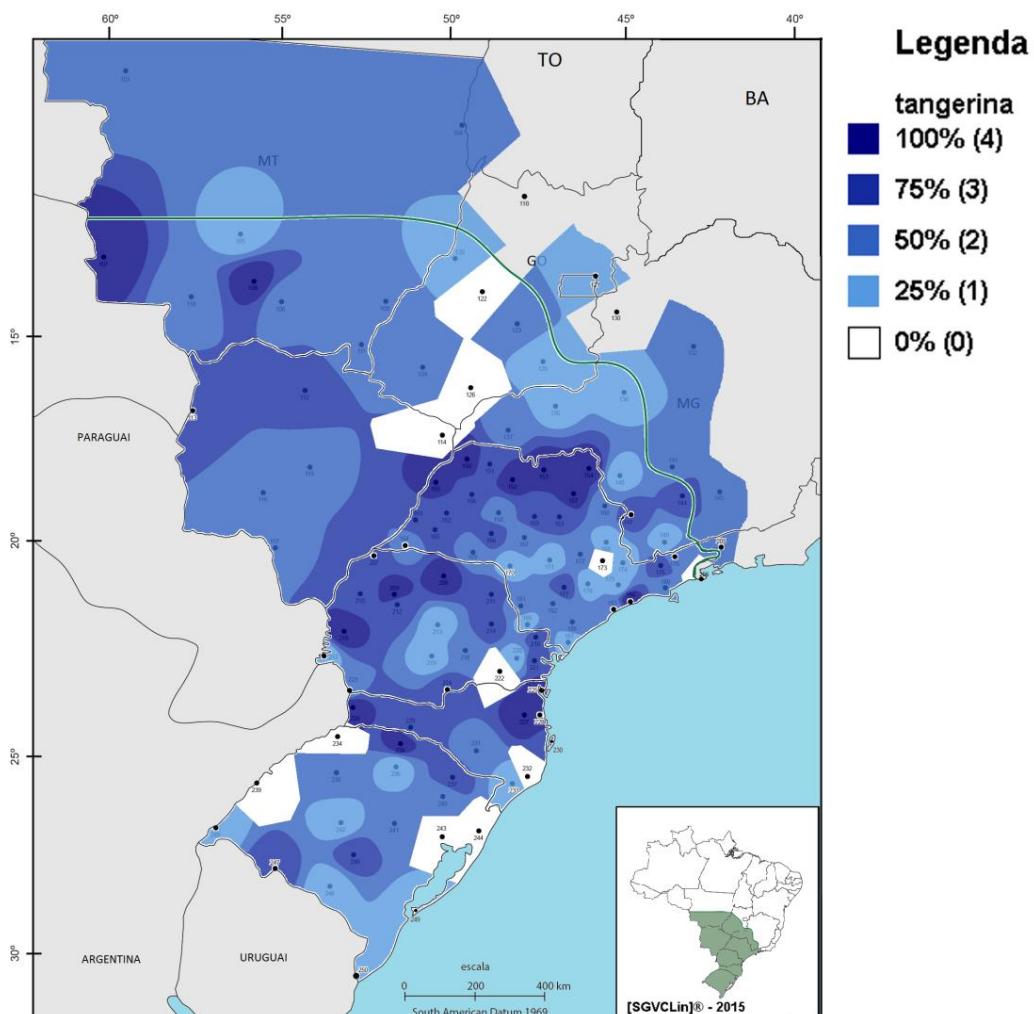


Figura 5 - Arealidade gradual da variante tangerina

Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB (2015) - carta linguística experimental

A variante não ocorre, contudo, em dois pontos do oeste e do nordeste do RS (ponto 234 – Três Passos e 239 – São Borja e ponto 243 – Porto Alegre e 244 – Osório, respectivamente).

¹³ Informante 1 do ponto 115 (homem, faixa etária I: 18 a 30 anos, de Campo Grande/MS).

Em SC, o item só não foi registrado em uma localidade do litoral sul (ponto 232 – Tubarão) e no PR, não se apresentou em Lapa (ponto 222). A variante também não ocorreu em Campinas/SP (ponto 173), em Parnaíba-MS (ponto 114) e em duas localidades do interior de GO (ponto 126 – Quirinópolis, e 122 – Goiás). Nos pontos de controle, *tangerina* não foi elicitada em Porangatu-GO (ponto 118), Unaí-MG (130) e Paraty-RJ (206). Ou seja, dos 118 pontos investigados, em apenas 13 a variante não ocorreu, o que ratifica o quanto a forma considerada padrão está difundida pelo território.

O estudo de Romano e Aguilera (2008), que se pautou em obras lexicográficas visando a discutir a dicionarização dos designativos para a questão, revelou que, dentre os dicionários investigados naquela pesquisa¹⁴, o de Houaiss e Villar (2001) parece ser o mais completo na definição do verbete *tangerina*, pois, além da acepção - fruto da tangerineira - registra as variantes regionais - *bergamota*, *laranja-cravo*, *laranja-mimosa*, *mandarina*, *mexerica*, *mimosa*, *tangerina-cravo*, *tangerina-do-rio*, *vergamota* - sem, contudo, indicar em que região essas formas são mais frequentes.

De fato, *tangerina* não se refere a uma área geográfica específica, trata-se de uma forma comum a todo território e, como se observa em outro estudo de Romano e Aguilera (2009), *tangerina* predomina em capitais das regiões Norte e Nordeste do Brasil, o que também pode ser observado na carta L05 do Atlas Linguístico do Brasil (Cardoso *et al.* 2014b). No que se refere ao território investigado, verifica-se a presença de *tangerina* na maioria dos pontos, ou seja, em 105 das 118 localidades selecionadas, não caracterizando nem um nem outro dos falares aqui discutidos.

A quarta variante mais produtiva que se apresenta, aproximadamente, em 10% do *corpus* é *bergamota*. Ferreira (2004) anota que *bergamota* vem do turco *beg armudi*, ‘pêra do príncipe’, pelo italiano *bergamota*, indicando como brasileirismo de SC e RS com remissiva à *tangerina*. Romano e Aguilera (2008), com base nas obras lexicográficas consultadas afirmam que:

Para Nascentes (1966), teria vindo através do italiano *bergamotta* ou do francês *bergamotte*. Segundo Bueno (1964), não se comprehende como *beg armudi* passou a *bergamotta* em italiano e como o nome de uma pêra possa designar uma mexerica. Para Fontinha (s.d), *bergamota* veio mais especificamente de Pérgamo, na Itália e é uma espécie de cidra aromática, com que se fazem cosméticos; planta labiada, de perfume muito agradável; casta de pêra muito sumarenta (Romano e Aguilera 2008: 7).

Houaiss e Villar (2001), dentre outras acepções, indicam que é pequena árvore (*Citrus aurantium* subespécie *bergamia*) da família das rutáceas, de flores muito aromáticas e fruto piriforme com casca fina, lisa e amarela; bergamoteira, e ainda como fruto dessa árvore com remissiva para *tangerina* e como um regionalismo do RS e SC.

¹⁴ Os autores consultaram seis dicionários de Língua Portuguesa: Ferreira (2004), Houaiss e Villar (2001), Mirador Internacional (1975), Bueno (1969), Aulete (1964), Morais Silva (1945) e quatro dicionários particularmente designados como etimológicos: Cunha (1986), Nascentes (1966), Bueno (1964) e Fontinha (s.d).

Em termos quantitativos, observa-se que *bergamota* obtém representatividade considerável nas localidades gaúchas, ultrapassando metade das respostas válidas (55,08%), seguindo-se SC (28%) e PR (8,63%). Com menor produtividade, registram-se como ocorrência única no MT (1,20%) e MS (1,75%).

Quanto à distribuição diatópica, *bergamota*, possivelmente, ela caracteriza o *falar sulista*, de influência sul-riograndense e das línguas em contato com o português, no caso, o italiano, uma vez que na Figura 6 pode-se observar a distribuição diatópica desta variante, definindo áreas de ocorrências bem delimitadas.

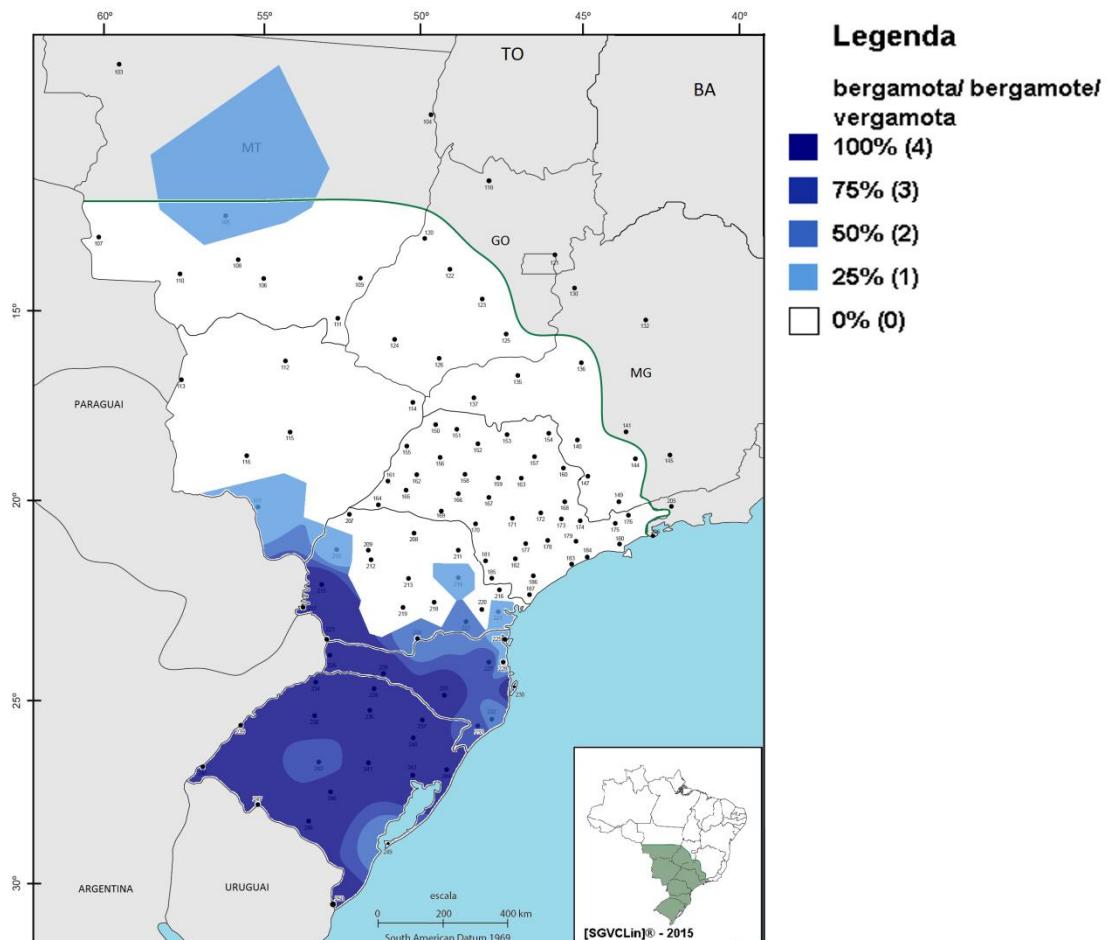


Figura 6 - Arealidade gradual de *bergamota*

Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB (2015) - carta linguística experimental

Assim, a variante se difunde por todo o estado do RS, de SC com índices de 100% de produtividades, atingindo também cidades localizadas no sul do PR (222-Lapa) até o ponto 214 (Piraí do Sul/PR), além de Morretes (221), no litoral, com menor índice. A ocorrência de *bergamota* na região de Lapa, que se difunde até Piraí do Sul, possivelmente, seria uma marca deixada pelos gaúchos no léxico da região, uma vez que a cidade de Lapa foi fundada a partir dos antigos ranchos dos tropeiros vindos do sul do país em direção ao estado de SP (Steca e Flores, 2002)¹⁵.

¹⁵ Romano (2015) discute mais detidamente o movimento do tropeirismo e sua influência na norma lexical de localidades situadas nas antigas rotas.

Por outro lado, essa área se estende também por um corredor do oeste paranaense, área que Altenhofen (2005) denominou como *Corredor oeste de projeção rio-grandense*, a partir do qual *bergamota* atinge o ponto 117 (Ponta Porã), no sudoeste do MS e ocorre isoladamente em Diamantino/MT (ponto 105).

O caráter regional de *bergamota* é ratificado pelos comentários de informantes de outras regiões do país, como goianos e paranaenses que associam a variante ao uso de gaúchos e catarinenses:

INF.- É... porque... é complicado o negócio, é tangerina, poncã, mixirica, no sul ela chama, é, bergamota, vai... Tanto nome, né?¹⁶

INF.- A vergamota como os gaúcho dizia, no tempo que eles passavam por aqui, né, e tinha o hotel Guarani que até eu trabalhei cum dezesseis ano. Então, eles dizia vergamota, "nós compramo vergamota". Daí no começo eu não sabia o que era. "Tem vergamota?" Tinha a laranja baiana né, tinha a mixirica e tangirina, nós dizia mixirica, nem tangirina num dizia, né. Daí que fomo aprendendo a tangirina e a vergamota. Vergamota era a mesma tangirina.

INQ.- E são iguais?

INF.- São tudo igual. O gaúcho dizia vergamota.¹⁷

INF.- Bom a poncã é uma fruta que... mais fácil de descascá né, fica assim desgrudado da casca, e aqui a gente chama de poncã, mas só que tem outros lugar que chama bergamota.

INQ.- Aqui não se usa a palavra bergamota?

INF.- Aqui não.

INQ.- Não. Mas a senhora ouviu onde?

INF.- Eu ouvi, eu ouvi uma mulher que veio de Santa Catarina, fala que lá chama bergamota.

INQ.- Isso.¹⁸

O Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil (Altenhofen e Klassmann 2011), na carta 62, documenta as cinco principais variantes para o referente (*bergamota*, *mexerica*, *tangerina*, *mimosa* e *poncã*), separando, na legenda, as formas *bergamota* e *vergamota*. Na Figura 7, apresenta-se a referida carta (adaptada), incluindo esses dois itens como variantes do mesmo item lexical.

Adaptando a carta linguística do ALERS com o traçado de linhas de isoléxicas para as variantes *bergamota*/*vergamota* e *mimosa*, observa-se que essas duas linhas revelam três áreas lexicais na Região Sul do país. A primeira delas na parte meridional (linha azul), com ocorrência de *bergamota*/*vergamota* no RS, SC (com exceção do nordeste deste Estado), atingindo também o sudoeste e oeste do PR.

¹⁶ Informante 3 do ponto 120 (Homem, faixa etária II: 50 a 65 anos, de Formosa/GO).

¹⁷ Informante 4 do ponto 216 (Mulher, faixa etária II: 50 a 65 anos, de Adrianópolis/PR).

¹⁸ Informante 4 do ponto 114 (Mulher, faixa etária II: 50 a 65 anos, de Nova Londrina/PR).

A segunda área revelada pela isoléxica em verde localiza-se, principalmente, na porção leste do PR, com ocorrência da variante *mimosa*. Por fim, a terceira área revelada pela delimitação dessas duas linhas de isoléxicas apresenta a distribuição de *mexerica*, localizada na porção central e norte do PR. Ademais, há ainda a ocorrência esparsa de *tangerina* e *poncã* em algumas localidades deste atlas regional.

A área de ocorrência de *bergamota* nos dados do ALIB em comparação com a área registrada nos dados do ALERS revela certa semelhança quanto à distribuição, principalmente no que se refere ao corredor do sudoeste paranaense, confirmando a hipótese de que o falar sulista de influência sul-riograndense e do português em contato com outras línguas se expande além do território gaúcho. *Bergamota*, desse modo, evidencia características desse falar sulista de influência sul-riograndense e de línguas de colonização.

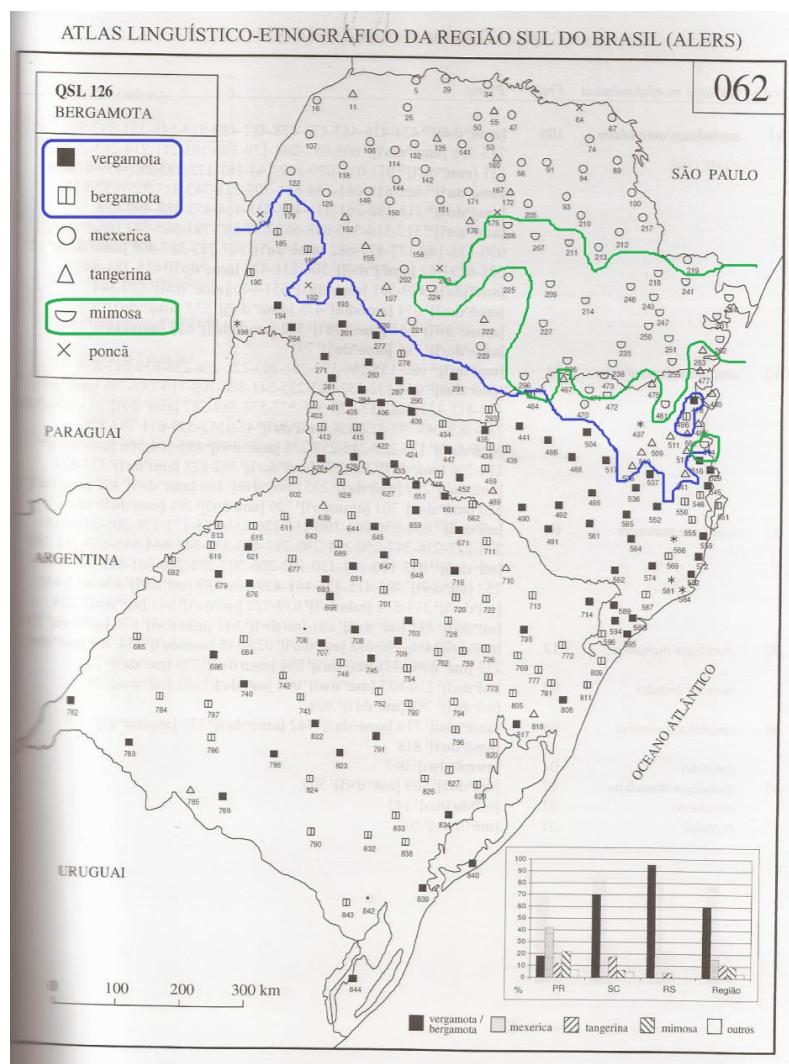


Figura 7 - Carta linguística 062 do ALERS
Fonte: ALERS (Altenhofen e Klassmann 2011) - com adaptações

Quanto à quinta variante lexical registrada no *corpus*, *morcote*, sabe-se que diversos grupos híbridos fazem parte do grupo das *tangerinas*, “entre eles, o tangor Murcote, o mais conhecido, é o resultado do cruzamento de laranja doce com tangerina” (Pio 2000).

De acordo com Gonçalves (2016) a “variedade murcott (morcote) denominado de Tangor é resultante do cruzamento da tangerina com a laranja doce (*Citrus reticulata Blanco* x *Citrus sinensis L. Osbeck*)”. Esta variedade de tangerina foi descoberta por Walter T. Swingle, em 1913, na Flórida, EUA, e propagada pelos agricultores, também da Flórida, Charles Murcott Smith e J. Ward Smith. No português, obviamente, o designativo, motivado pelo sobrenome de um dos pioneiros no cultivo da fruta, sofreu alterações fonéticas.

No *corpus* investigado, dentre as variantes lexicais documentadas, a que apresenta maior número de variantes fonéticas e morfonêmicas (18 formas) é *morcote*, caracterizada pela maioria dos informantes como uma variedade do fruto que tem como característica principal a casca mais grudada à polpa, tornando-se difícil descascá-la.

INF.- Tem, mixirica tem vários tipo né, tem umas duras, a gente chama mangote, essas é... casca dura, pra 'rancá ela tem que sê co'a mão mesmo, mais é bem preguenta, num sai fácil.¹⁹

Quanto à distribuição diatópica, a Figura 8 mostra a ocorrência do item principalmente em uma faixa territorial que vai do noroeste paranaense, passando pelo interior do MS até o ponto 105 (Diamantino-MT). Há também a distribuição do item pelo interior de SP e também na região do Vale do Ribeira, de onde avança para o centro do PR em uma faixa contínua.

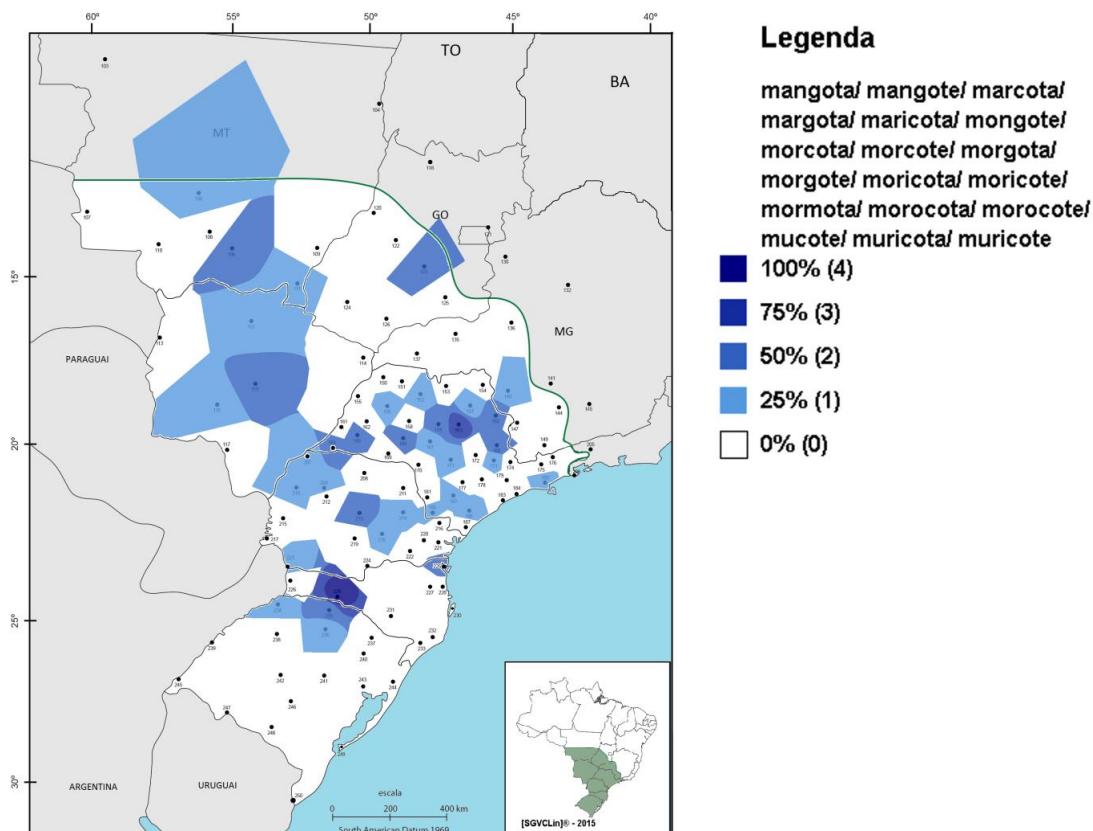


Figura 8 - Arealidade gradual de morcote e variantes morfonêmicas
Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB (2015) - carta linguística experimental

¹⁹ Informante 3 do ponto 123 (homem, faixa etária II: 50 a 65 anos, de Goiânia/GO).

Uma terceira área de ocorrência de *morcote* localiza-se no sudoeste do PR – ponto 223 (Barracão), atinge uma localidade do oeste de SC (229 – Concórdia) e três localidades do noroeste gaúcho (234 – Três Passos, 235 - Erechim e 236 – Passo Fundo). Há também ocorrências da variante em pontos isolados no litoral norte de SC (225 – São Francisco do Sul), litoral norte de SP (180 – Caraguatatuba), uma localidade no sul de MG (140 – Passos) e em Goiânia-GO (ponto 123). A baixa incidência de *morcote*, na maioria das vezes como ocorrência única na localidade, bem como sua distribuição na área do território investigado não permite enquadrá-la nem em um nem em outro falar aqui apresentado, uma vez que se mostrou comum a diferentes estados, assim como o item *tangerina*.

A variante *mimosa*, no cômputo geral das ocorrências, apresenta 33 registros representando 2,98% das respostas no *corpus*. Verifica-se que este item lexical ocorre apenas em três estados, PR (12,18%), SC (8%) e SP como ocorrência única, o que representa apenas 0,26% do estado. Embora se apresente como variante pouco produtiva, do ponto de vista diatópico *mimosa* comporta-se como uma variante regional, não figurando em outras áreas do território investigado além das mencionadas, conforme se verifica na Figura 9.

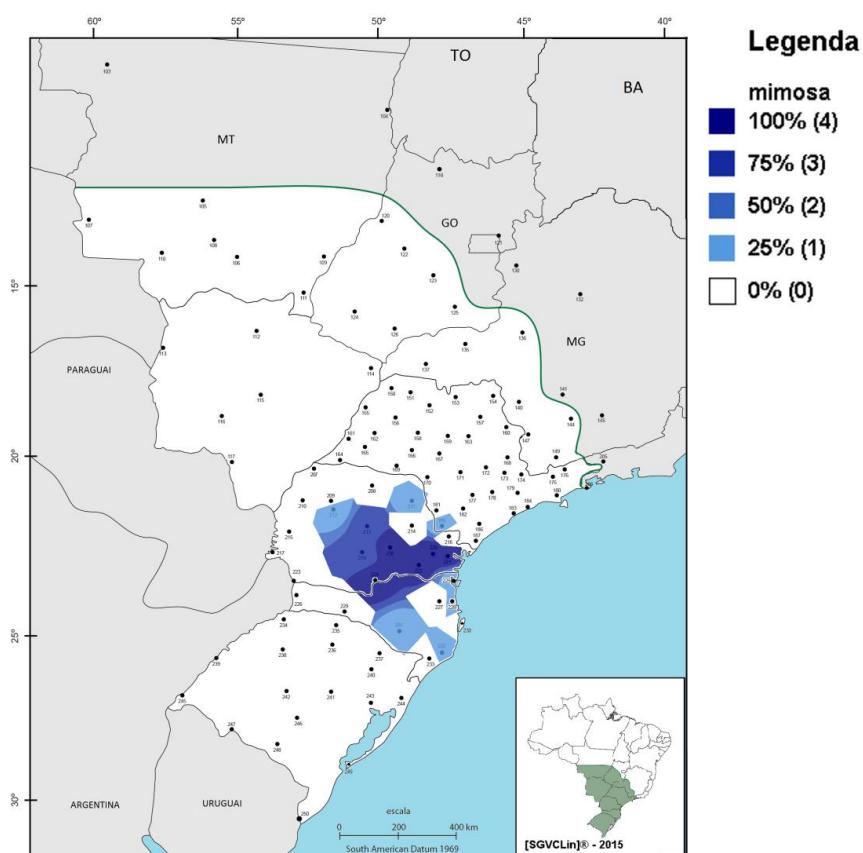


Figura 9 - Arealidade gradual da variante *mimosa*

Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB (2015) - carta linguística experimental

Em geral, a variante está registrada no PR e é reconhecida por alguns informantes como uma forma típica na cidade de Curitiba para denominar o referente:

INQ.- A senhora ouviu falar que a mixirica tenha algum outro nome em algum outro lugar? Curitiba...

INF.- Parece que em Curitiba eles chamam de mimosa, agora eu num... num lembro porque faiz muito tempo que eu num vô pra lá, né, então... porque lá... pra lá o palavriado é diferente, né, do nosso daqui do norte.

INQ.- É é diferente sim.

INF.- Do sul é bem mais diferente.²⁰

Mimosa está presente no litoral paranaense, de onde atinge o litoral norte de SC, avança às cidades paranaenses até o ponto 212 (Campo Mourão), onde foi registrada na fala da informante de nº 4 (Mulher, faixa etária II). Ocorre em uma cidade do norte pioneiro (211 – Tomazina), de onde atinge, inclusive, uma cidade paulista no Vale do Ribeira (ponto 185 – Ribeira). Em direção sul, a variante avança à porção central do PR, passando pelo ponto 224 (Porto União, norte de SC), avança até o ponto 231 (Lages/SC) e chega até uma localidade no litoral sul catarinense (232 – Tubarão). Em comparação com a carta do ALERS (Figura 7), *mimosa* se apresenta na mesma área linguística registrada no atlas regional, dando indícios de um território que apresenta especificidades lexicais que o distinguem do falar de influência paulista e o de influência sul-riograndense.

Ferreira (2004) traz duas entradas para *mimosa*, sendo a segunda a que melhor se encaixa ao referente, pois o lexicógrafo remete este item a *tangerina* e ainda diz que é “forma reduzida de laranja-mimosa”. Esta, por sua vez pesquisada, ratifica a designação, aparecendo como um “substantivo feminino, brasileirismo do sul de SP, PR e norte de Santa Catarina, remetendo para *tangerina*” (Ferreira 2004), portanto, sinônimo do termo em questão. Houaiss e Villar (2001), dentre outras acepções, também trazem *laranja-mimosa* como um regionalismo do Sul do Brasil sinônimo de *tangerina*. O verbete *mimo*, para Cunha (2010), refere-se à “coisa delicada que se oferece ou dá”, do qual derivam por criação expressiva termos como ‘amimar, mimar, mimosa’. Desse modo, a denominação *mimosa* para a fruta em questão parece estar ligada às qualidades da casca, fina, macia e delicada, estendida pelos informantes à denominação do fruto.

Visualiza-se na Figura 10 distribuição diatópica pontual das três últimas variantes menos produtivas *laranja-cravo/a* (1,18%), *mandarina* (0,18%) e *carioquinha* (0,09%). Nesta carta, observa-se a presença de *laranja-cravo/a* no litoral sul de SC (pontos 233 e 232, Criciúma e Tubarão) e em duas localidades do litoral norte deste Estado (pontos 225 e 228 - São Francisco do Sul e Itajaí). No Estado de SP, o item ocorre, isoladamente, em três pontos (186 – Registro, 173 – Campinas e 176 – Guaratinguetá). Fora dos limites do subfalar sulista, *laranja-cravo* apresenta-se também no ponto de controle 130 – Unaí/MG.

A variante *laranja-cravo/a* encontra-se dicionarizada na acepção buscada para o referente nos dois dicionários consultados - Houaiss (2001) e Ferreira (2004) – indicada pelo primeiro como um regionalismo do Brasil e no segundo como um brasileirismo, sem, contudo, indicarem a região a que se referem.

²⁰ Informante 4 do ponto 212 (Mulher, faixa etária II: 50 a 65 anos, de Campo Mourão/PR).

Sabe-se, todavia, que *laranja-cravo* é uma forma recorrente no Nordeste do país, conforme Romano e Aguilera (2009) e está amplamente documentada na carta L05 do Atlas Linguístico do Brasil (Cardoso et al. 2014b).

A variante *mandarina* apresenta-se em Barracão/PR (ponto 223) e Terra Boa/PR (ponto 209) e evidencia traços do espanhol no português. Em Houaiss e Villar (2001) e Ferreira (2004), encontram-se duas entradas para o verbete. Na segunda entrada, a variante *mandarina* é apresentada como um regionalismo do RS (Houaiss e Villar, 2001) e como um brasileirismo do RS (Ferreira, 2004), sinônimo de *tangerina*. Todavia, a ocorrência de *mandarina* no *corpus* restringe-se a duas localidades paranaenses, uma na fronteira do Brasil com Paraguai e Argentina (Barracão – ponto 223) e outra no norte do Estado (209 – Terra Boa). Há indícios de que esta variante pertence ao *falar sulista*, entretanto, pelo fato de o ALERS não documentar a forma *mandarina* em nenhum dos três estados da Região Sul e por sua baixa representatividade no *corpus* sob análise, não seria conveniente incluí-la no conjunto de variantes que tipificam o *falar sulista*. De acordo com Cunha (2010), *mandarina* provém de *mandarim*, “alto funcionário público, antigamente na China” e *mandarina* tanto pode se referir à esposa do mandarim, quanto à tangerina, datando o ano 1873. O Dicionário da Real Academia Espanhola (DRAE), no verbete *mandarina*, dentre outras acepções, apresenta a remissiva para *naranja mandarina* (*tangerina*): “Variedad que se distingue en ser pequeña, aplastada, de cáscara muy fácil de separar y pulpa muy dulce”²¹ e, de acordo com Corominas, o nome é dado ao fruto “por alusão à cor do traje dos mandarins” (Corominas apud Houaiss e Villar, 2001).

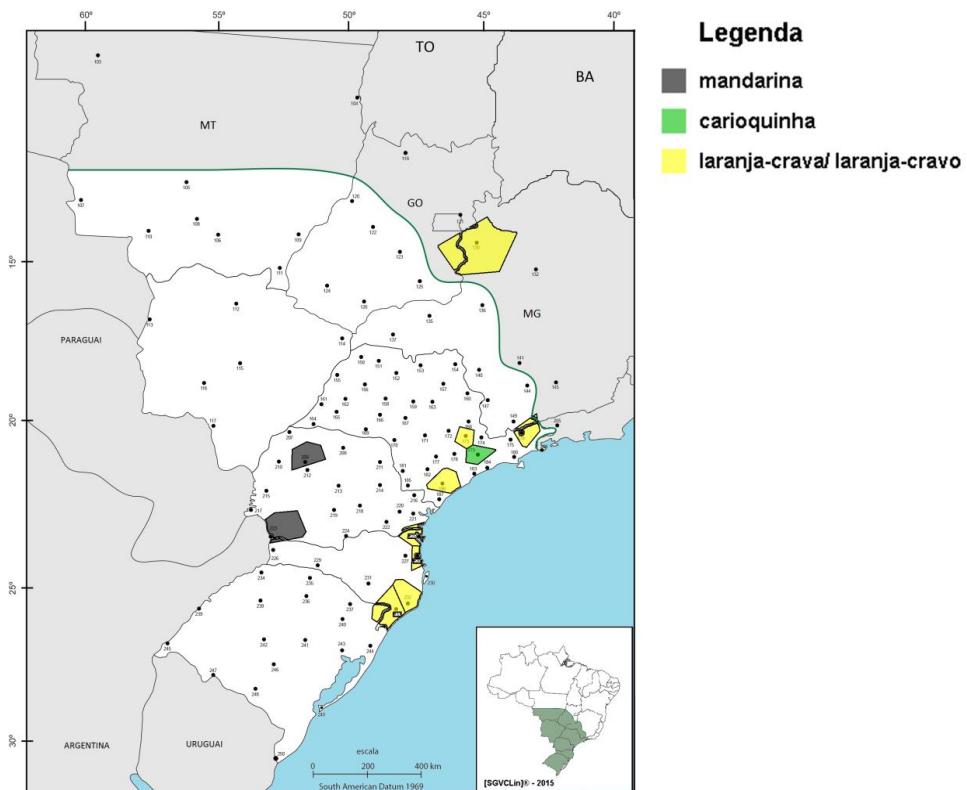


Figura 10 - Distribuição das variantes menos produtivas
Fonte: Banco de dados do Projeto ALIB (2015) - carta linguística experimental

²¹ “Variedad que se distingue por ser pequena, achatada, de casca muito fácil de se retirar e polpa muito doce.” (TN)

A *hápax legomena carioquinha* ocorre apenas na fala de um informante da cidade de São Paulo como uma segunda resposta e não se encontra registrada em nenhuma das obras consultadas.

Para finalizar a análise dos dados, a Figura 11 apresenta dois mapas que delimitam a arealidade de três variantes detalhadas neste estudo, *mexerica*, *poncã* e *bergamota*. Ambos os mapas são parecidos uma vez que espelham os dois possíveis falares aqui apresentados, o paulista, com a difusão da variante *mexerica* e *poncã* (cor verde) na parte setentrional do território investigado e o sulista, de influência rio-grandense, onde ocorre *bergamota* e variantes morfofonêmicas e também áreas de coocorrência deste item com *poncã* e *mexerica*. Este falar localiza-se na parte meridional do território.

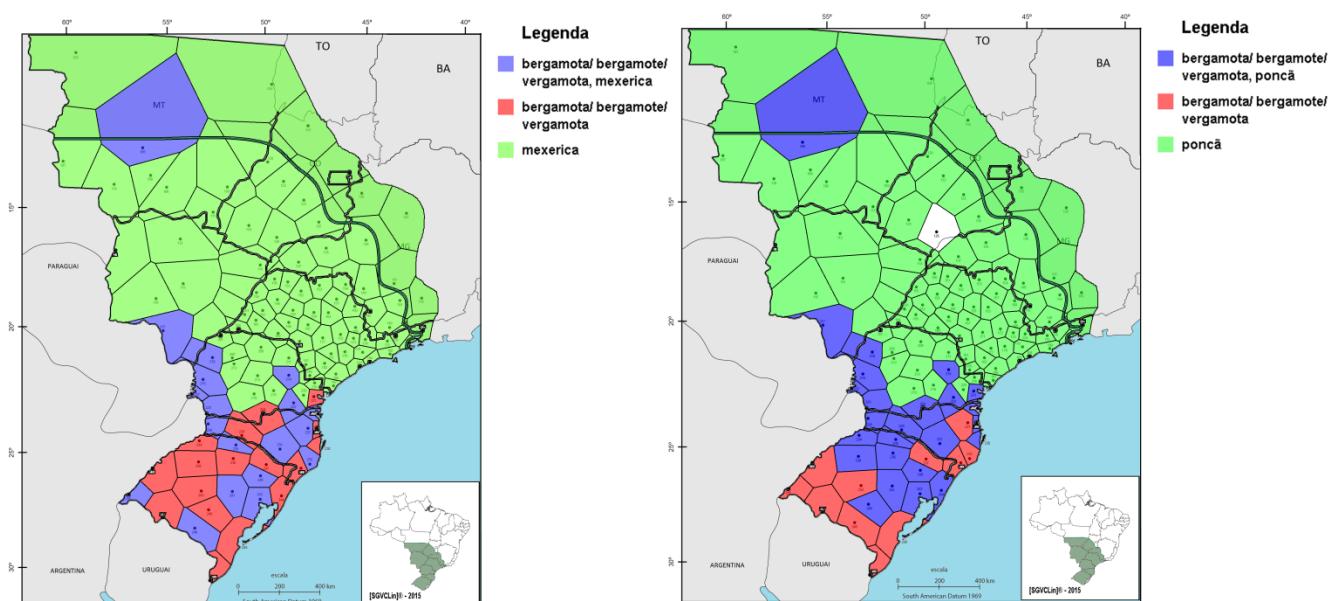


Figura 11 - Localização do falar paulista e do sulista

Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB (2015) - carta linguística experimental

5. Considerações finais

Pode-se concluir que território investigado não apresenta homogeneidade lexical. Ou seja, a área delimitada por Nascentes como subfalar sulista, de acordo com as cartas linguísticas aqui analisadas em correlação a outros trabalhos, pode ser dividida em dois grandes falares: (i) o falar paulista, localizado na porção setentrional (predomínio de *mexerica* e *poncã*) que se expande para estados da região Centro-Oeste e parte do Paraná e (ii) o falar sulista, situado na porção meridional do Brasil, caracterizado pelo maior número de formas regionais e variantes de origens não-lusas, evidenciando traços de língua de colonização. Vale salientar, todavia, que os limites e abrangência de ambos os falares são virtuais e fluidos, ora havendo a interinfluência de um em outro, ora prevalecendo a delimitação de áreas lexicais distintas. Ademais, somam-se subáreas lexicais que se localizam tanto em um falar quanto em outro, caso de *morcote*, na área do falar paulista e de *mimosa*, na área do falar sulista. Pontuam-se, assim, as seguintes conclusões:

- (i) A variante mais produtiva, *mexerica*, denominação motivada pelo cheiro característico que denuncia quem manuseou ou comeu o fruto, está amplamente distribuída e pode ser considerada uma forma que tipifica o falar paulista.
- (ii) *Poncã* é uma forma lexical que também tipifica o falar paulista amplamente distribuída por todo o território, mas com diferentes índices de produtividade.
- (iii) *Tangerina*, forma considerada padrão pelos dicionaristas consultados, encontra-se distribuída em grande parte do território com diferentes índices e não caracteriza nenhum dos dois falares aqui defendidos, pois é uma forma identificada em outras regiões brasileiras, onde atinge grande produtividade, conforme se verifica na carta L05 do ALiB (Cardoso et al., 2014b) e descrevem detalhadamente Romano e Aguilera (2008) e Romano e Aguilera (2009);
- (iv) A variante *bergamota* revela contato do português com línguas de colonização, no caso o italiano, e tipifica o falar sulista de influência sul rio-grandense que avança em sentido oeste catarinense e sudoeste do PR;
- (v) *Morcote* é um item lexical motivado pelo sobrenome de um dos pioneiros no cultivo deste híbrido da fruta, e apresenta o maior número de variantes fonéticas e morfonêmicas. A produtividade de *morcote* no *corpus* sob análise é baixa e sua distribuição espacial é esparsa, não se concentrando em determinada área. Ou seja, *morcote* não tipifica nem o falar sulista nem o paulista;
- (vi) *Mimosa*, por sua vez, embora se apresente com baixa produtividade, sob o ponto de vista diatópico, revela uma subárea lexical no falar sulista que compreende a parte leste do PR e de SC, cuja área de ocorrência coincide, inclusive, com o que se observa na carta 62 do ALERS.
- (vii) As variantes menos produtivas *laranja cravo/a*, *mandarina* e *carioquinha* ocorrem esparsamente no território e estão atestadas em outros trabalhos geolinguísticos.

De posse desses resultados, embora a questão de áreas dialetais no PB seja de difícil definição, até mesmo pela natureza dos dados lexicais, este trabalho dá indícios de heterogeneidade linguística de uma grande área do território brasileiro, considerada homogênea no mapa de Nascentes.

Há de se observar, contudo, a necessidade de mais estudos que possam ratificar ou retificar as duas áreas linguísticas encontradas no centro-sul do país a partir de análises de outros níveis como o fonético-fonológico e o morfossintático. O ALiB, que começa a adentrar o interior do país, está prestes a desvendar esses caminhos e, em breve, o tão almejado mapa dialetal do Brasil será concretizado a partir de uma amostra atualizada da língua falada por 1100 brasileiros de 250 localidades distribuídas por todo o território nacional.

Referências bibliográficas

- Altenhofen, Cleo Vilson e Mário Silfredo Klassmann (orgs.). 2011. *Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil - ALERS: Cartas Semântico-Lexicais*, Porto Alegre, Editora da UFRGS.
- Altenhofen, Cleo. 2005. Áreas linguísticas do português falado no sul do Brasil: um balanço das fotografias geolinguísticas do ALERS, em V. de A. Aguilera (org.), *A geolinguística no Brasil: trilhas seguidas, caminhos a percorrer*, Londrina, Eduel: 177-208.
- Amaral, Amadeu. [1920] 1981. *O dialeto capira: gramática, vocabulário*, 4. Ed., São Paulo, Hucitec.
- Aulete, Caldas. 1964. *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa*, 5. Ed., Rio de Janeiro, Editora Delta S.A.
- Bueno, Francisco da Silveira. 1964. *Grande Dicionário Etimológico-Prosódico da Língua Portuguesa: Vocábulos, Expressões da Língua Geral e Científico-sinônimos Contribuições do Tupi-Guarani*, 2º vol., São Paulo, Saraiva.
- Bueno, Francisco da Silveira. 1969. *Dicionário escolar da língua portuguesa*, 6. ed., Rio de Janeiro, FENAME.
- Cardoso, Suzana Alice Marcelino da Silva. 1986. Tinha Nascentes razão? Considerações sobre a divisão dialetal do Brasil, *Estudos Linguísticos e Literários*, 5: 47-59.
- Cardoso, Suzana Alice Marcelino da Silva. 1999. Vogais médias pretônicas no Brasil: uma visão diatópica, em V. de A. Aguilera (org.), *Português no Brasil: estudos fonéticos e fonológicos*, Londrina, Eduel: 95-108.
- Cardoso, Suzana Alice Marcelino da Silva. 2010. *Geolinguística: tradição e modernidade*, São Paulo, Parábola Editorial.
- Cardoso, Suzana Alice Marcelino da Silva, Jacyra Andrade Mota, Vanderci de Andrade Aguilera, Maria do Socorro Silva Aragão, Aparecida Negri Isquierdo, Abdelhak Razky, Felício Wessling Margotti e Cleo Altenhofen. 2014a, 2014b. *Atlas Linguístico do Brasil*, v. 1 (*Introdução*), v. 2 (*Cartas linguísticas*), Londrina, EDUEL.
- Carretero, Fernando Lázaro. 2008. *Diccionario de términos filológicos*, Madrid, Gredos.
- Comitê Nacional do Projeto ALiB. 2001. *Atlas Linguístico do Brasil: Questionários 2001*, Londina, EDUEL.
- Costa, Daniela de Souza Silva. 2011. Designações para “tangerina” no Brasil central: reflexões com base em dados do projeto ALiB, em *Anais do XX Seminário do CELLIP (CD-ROM)*, Londrina: 1-12.
- Cunha, Antônio Geraldo da. 1986. *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*, 2. Ed., Rio de Janeiro, Nova Fronteira.
- Cunha, Antônio Geraldo da. 2010. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*, 4. Ed., Rio de Janeiro, Lexikon.
- Ferreira, Aurélio Buarque de Holanda. 2004. *Novo dicionário da língua Portuguesa*, Versão eletrônica 5.0., 3. ed., Curitiba, Positivo.

- Fontinha, Rodrigo. (s.d). *Novo Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, Porto, Editorial Domingos Barreira.
- Gonçalves, Juliana Montebelo. 2016. *Tangerina murcote*. Disponível em: <http://www.ceasacampinas.com.br/novo/DicasVer.asp?id=948>. Acesso 27 out. 2016.
- Houaiss, Antônio e Mauro de Salles Villar. 2001. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*, Versão 1.0, Rio de Janeiro, Objetiva.
- Margotti, Felício Wessling e Hilda Vieira. 2006. Características de uma área lexical heterogênea na Região Sul do Brasil, em Paulino Vandresen (org.), *Variação, mudança e contato linguístico no português da Região Sul*, Pelotas, EDUCAT: 245-260.
- Marins, Luciene Gomes Freitas. 2012. *O rural e o urbano: novos e velhos falares na região Centro-Oeste do Brasil*, Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Campo Grande. Inédita.
- Mirador Internacional. 1975. *Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*, São Paulo, Melhoramentos.
- Morais Silva, Antonio de. 1945. *Grande Dicionário de língua portuguesa*, 10 ed., Rio de Janeiro, Confluência.
- Nascentes, Antenor. [1922] 1953. *O linguajar carioca*, 2. ed., Rio de Janeiro, Organizações Simões.
- Nascentes, Antenor. 1966. *Dicionário Etimológico Resumido. Coleção Dicionários Especializados*, Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro, Ministério da Educação e Cultura.
- Pio, Rose Mary. 2000. Classificação das tangerinas, *Folder*, São Paulo CEAGESP: 1-2.
- Portilho, Danyelle Almeida Saraiva. 2013. *O falar amazônico: uma análise da proposta de Nascentes (1953) a partir de dados do Projeto ALiB*, Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Campo Grande. Inédita.
- Real Academia Española. 2001. *Diccionario de la lengua española*, 22 ed., Madrid, Real Academia Española.
- Ribeiro, Silvana Soares Costa. 2012. *Brinquedos e brincadeiras infantis na área do falar baiano*, Tese de Doutorado, Universidade Federal de Bahia, Salvador. Inédita.
- Romano, Valter Pereira. 2015. *Em busca de falares a partir de áreas lexicais no Centro-Sul do Brasil*, Tese de Doutorado, Universidade Estadual de Londrina, Londrina. Inédita.
- Romano, Valter Pereira e Vanderci de Andrade Aguilera. 2008. Um estudo lexicológico sobre as variantes lexicais para a tangerina, em *Anais do IV ERIC* (CD-ROM), Mandaguari: 1-15.
- Romano, Valter Pereira e Vanderci de Andrade Aguilera. 2009. Distribuição diatópica para as variantes para tangerina: um estudo geo-sociolinguísticoem, em A. N. Isquierdo, F. C. Altino e V. de A. Aguilera (orgs.), *Atlas linguístico do Brasil: descrevendo a língua, formando jovens pesquisadores*. (CD-ROM), vol. 1, Londrina, UEL: 148-157.
- Romano, Valter Pereira e Vanderci de Andrade Aguilera. 2014. Padrões de variação lexical no sul do Brasil a partir dos dados do Projeto ALiB, *Estudos Linguísticos*, 43, 1: 575-587.

Romano, Valter Pereira e Rodrigo Duarte Seabra. 2014a. Menino, guri ou piá? Um estudo diatópico nas regiões Centro-Oeste, Sudeste e Sul a partir dos dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil, *Alfa: Revista de Linguística*, 58, 2: 463-497.

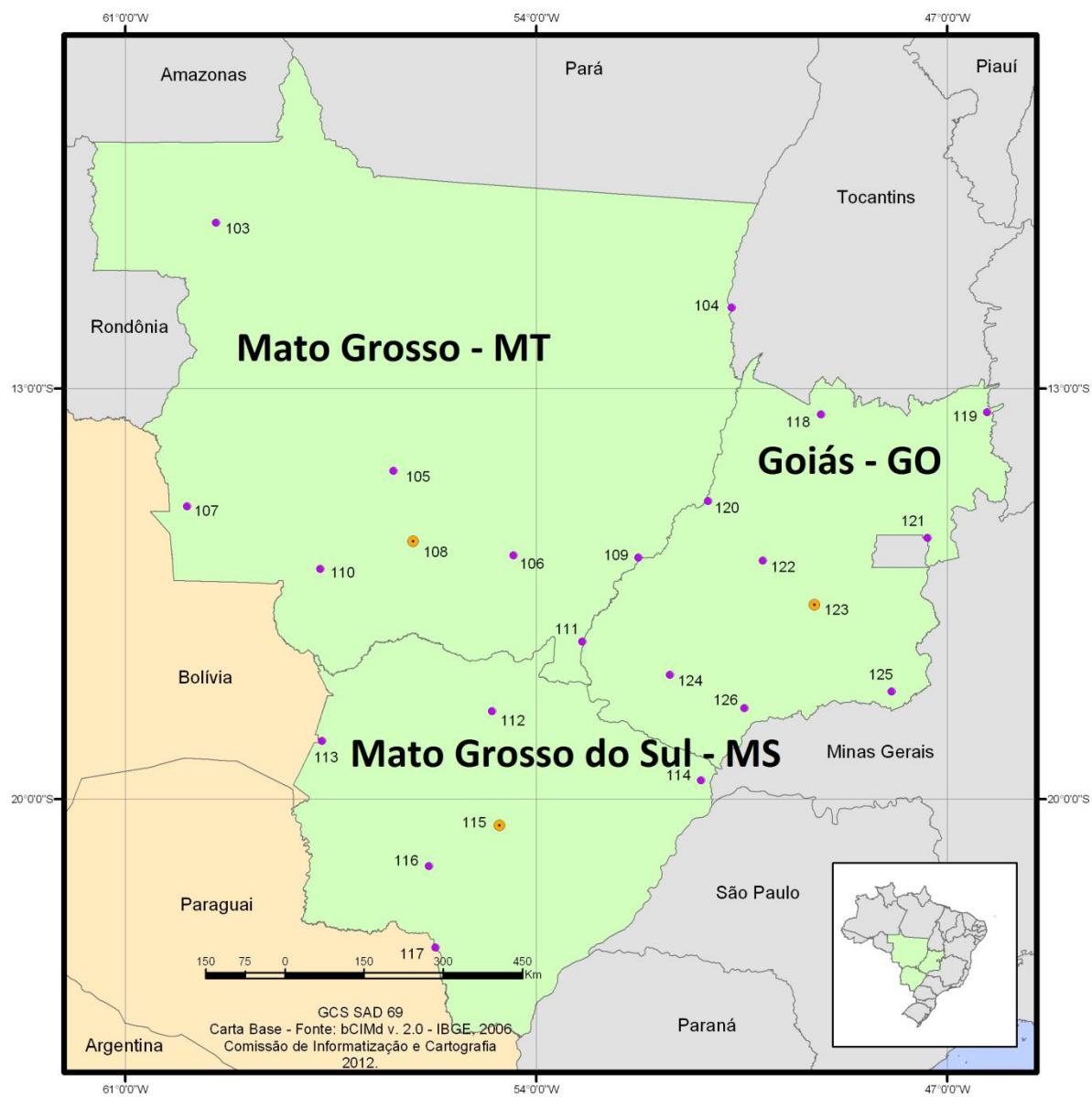
Romano, Valter Pereira e Rodrigo Duarte Seabra. 2014b. Dados geolinguísticos sob uma perspectiva estatística: a variação lexical no Centro-Oeste, Sudeste e Sul do Brasil, *RELin: Revista de Estudos da Linguagem*, 22, 2: 59-92.

Romano, Valter Pereira, Rodrigo Duarte Seabra e Nathan Oliveira. 2014. [SGVCLin] – Software para geração e visualização de cartas linguísticas, *RELin: Revista de Estudos da Linguagem*, 22, 1: 119-151.

Santos, Leandro Almeida dos. 2016. *Brincando pelos caminhos do falar fluminense*, Dissertação de Mestrado, Universidade Federal da Bahia, Salvador. Inédita.

Steca, Lucinéia Cunha e Mariléia Dias Flores. 2002. *História do Paraná: do século XVI à década de 1950*, Londrina, Editora UEL.

Anexo A – Mapa da Região Centro – Oeste com rede de pontos



Anexo B – Rede de pontos da Região Centro-Oeste

Mato Grosso – MT

- 103 – Aripuanã
- 104 – São Félix do Araguaia
- 105 – Diamantino
- 106 – Poxoréu
- 107 – Vila Bela da Santíssima Trindade
- 108 – Cuiabá
- 109 – Barra do Garças
- 110 – Cáceres
- 111 – Alto Araguaia

Mato Grosso do Sul – MS

- 112 – Coxim
- 113 – Corumbá
- 114 – Paranaíba
- 115 – Campo Grande
- 116 – Nioaque
- 117 – Ponta Porã

Goiás – GO

- 118 – Porangatu
- 119 – São Domingos
- 120 – Aruanã
- 121 – Formosa
- 122 – Goiás
- 123 – Goiânia
- 124 – Jataí
- 125 – Catalão
- 126 – Quirinópolis

Anexo C – Mapa da Região Sudeste com rede de pontos

Anexo D – Rede de Pontos da Região Sudeste

Minas Gerais – MG

- 127 – Januária
- 128 – Janaúba
- 129 – Pedra Azul
- 130 – Unaí
- 131 – Montes Claros
- 132 – Pirapora
- 133 – Teófilo Otoni
- 134 – Diamantina
- 135 – Uberlândia
- 136 – Patos de Minas
- 137 – Campina Verde
- 138 – Belo Horizonte
- 139 – Ipatinga
- 140 – Passos
- 141 – Formiga
- 142 – Ouro Preto
- 143 – Viçosa
- 144 – Lavras
- 145 – São João Del Rei
- 146 – Muriaé
- 147 – Poços de Caldas
- 148 – Juiz de Fora
- 149 – Itajubá

São Paulo – SP

- 150 – Jales
- 151 – Votuporanga
- 152 – São José do Rio Preto
- 153 – Barretos
- 154 – Franca
- 155 – Adamantina
- 156 – Araçatuba
- 157 – Ribeirão Preto
- 158 – Lins
- 159 – Ibitinga
- 160 – Mococa
- 161 – Presidente Epitácio
- 162 – Adamantina
- 163 – Araraquara
- 164 – Teodoro Sampaio
- 165 – Presidente Prudente
- 166 – Marília
- 167 – Bauru

- 168 – Moji Mirim
- 169 – Assis
- 170 – Bernardino de Campos
- 171 – Botucatu
- 172 – Piracicaba
- 173 – Campinas
- 174 – Bragança Paulista
- 175 – Taubaté
- 176 – Guaratinguetá
- 177 – Itapetininga
- 178 – Sorocaba
- 179 – São Paulo
- 180 – Caraguatatuba
- 181 – Itararé
- 182 – Capão Bonito
- 183 – Itanhaém
- 184 – Santos
- 185 – Ribeira
- 186 – Registro
- 187 – Cananeia

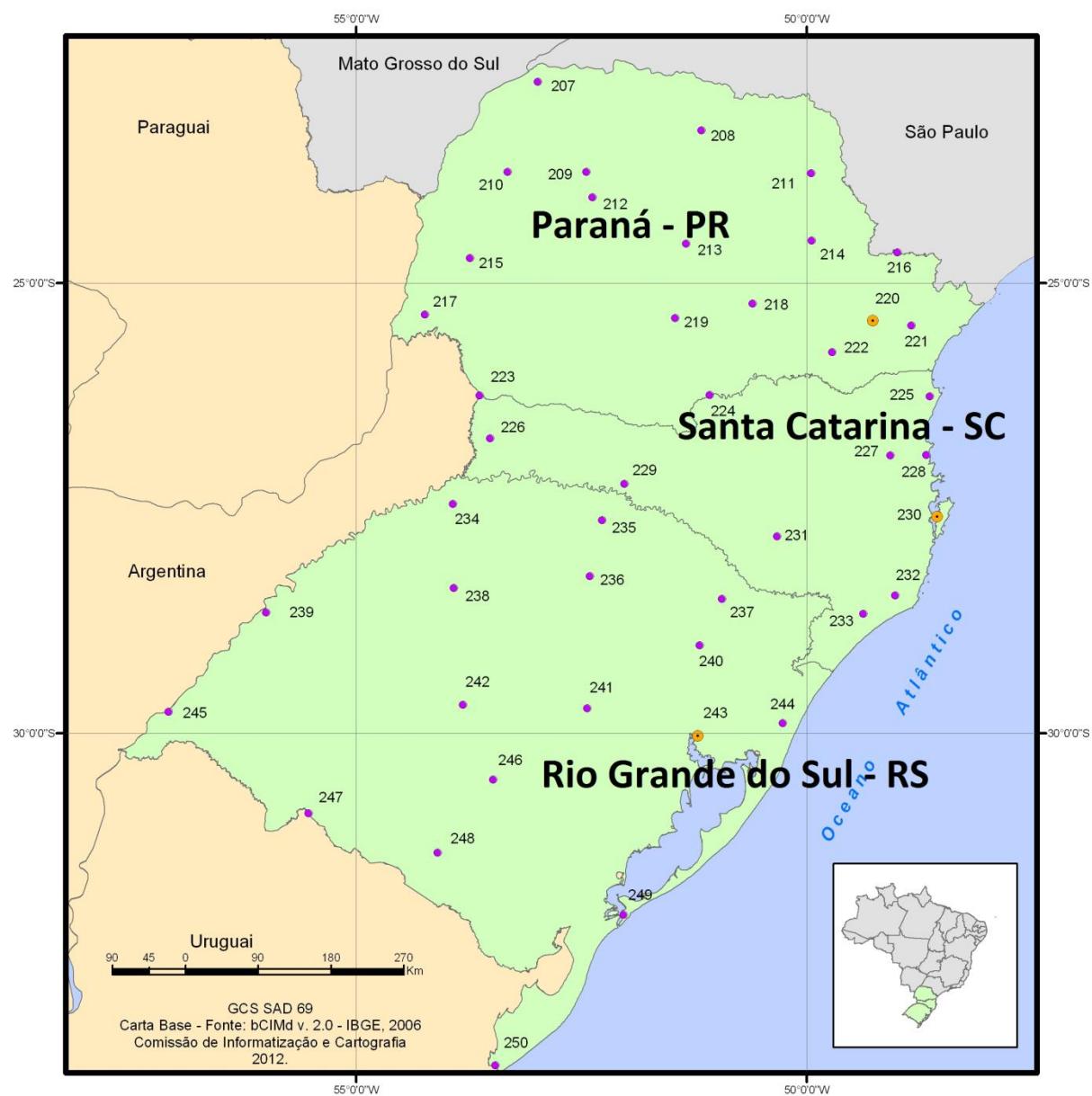
Espírito Santo – ES

- 188 – Barra de São Francisco
- 189 – São Mateus
- 190 – Vitória
- 191 – Santa Teresa
- 192 – Alegre

Rio de Janeiro – RJ

- 193 – Itaperuna
- 194 – São João da Barra
- 195 – Campos de Goytacazes
- 196 – Três Rios
- 197 – Nova Friburgo
- 198 – Macaé
- 199 – Valença
- 200 – Petrópolis
- 201 – Nova Iguaçu
- 202 – Rio de Janeiro
- 203 – Niterói
- 204 – Arraial do Cabo
- 205 – Barra Mansa
- 206 – Parati

Anexo E – Mapa da Região Sul com rede de pontos



Anexo F – Rede de Pontos da Região Sul**Paraná - PR**

- 207 – Nova Londrina
208 – Londrina
209 – Terra Boa
210 – Umuarama
211 – Tomazina
212 – Campo Mourão
213 – Cândido de Abreu
214 – Piraí do Sul
215 – Toledo
216 – Adrianópolis
217 – São Miguel do Iguaçu
218 – Imbituva
219 – Guarapuava
220 – Curitiba
221 – Morretes
222 – Lapa
223 – Barracão

Rio Grande do Sul - RS

- 234 – Três Passos
235 – Erechim
236 – Passo Fundo
237 – Vacaria
238 – Ijuí
239 – São Borja
240 – Flores da Cunha
241 – Santa Cruz do Sul
242 – Santa Maria
243 – Porto Alegre
244 – Osório
245 – Uruguaiana
246 – Caçapava do Sul
247 – Santana do Livramento
248 – Bagé
249 – São José do Norte
250 - Chuí

Santa Catarina - SC

- 224 – Porto União
225 – São Francisco do Sul
226 – São Miguel do Oeste
227 – Blumenau
228 – Itajaí
229 – Concórdia
230 – Florianópolis
231 – Lages
232 – Tubarão
233 – Criciúma